

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

NELSON LUÍS SOARES FARIAS

**HORTA COMO EXPRESSÃO DA AGRICULTURA URBANA NO MUNICÍPIO DE
CACHOEIRA DO SUL: UMA PRÁTICA EM MUDANÇA NO BAIRRO OLIVEIRA**

Porto Alegre

2017

NELSON LUÍS SOARES FARIAS

**HORTA COMO EXPRESSÃO DA AGRICULTURA URBANA NO MUNICÍPIO DE
CACHOEIRA DO SUL: UMA PRÁTICA EM MUDANÇA NO BAIRRO OLIVEIRA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Desenvolvimento Rural**.

Orientador: Prof. Dr. Tatiana Mota Miranda

Coorientadora: Judit Herrera Ortunho

Porto Alegre

2017

NELSON LUÍS SOARES FARIAS

**HORTA COMO EXPRESSÃO DA AGRICULTURA URBANA NO MUNICÍPIO DE
CACHOEIRA DO SUL: UMA PRÁTICA EM MUDANÇA NO BAIRRO OLIVEIRA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 01 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Tatiana Mota Miranda (Orientadora)
UFRGS

Profa. Dra. Fabiana Thomé da Cruz
UFRGS

Prof. Dra. Rumi Regina Kubo

UFRGS

RESUMO

O tema agricultura urbana é de grande relevância social na atualidade, pois abrange a construção de uma segurança alimentar efetiva, possuindo potencial de provocar transformações sociais, através processos de trocas de agrobiodiversidade, de experiências de manejo agrícola e de educação ambiental, por meio da construção de hortas. Nesse contexto, o presente trabalho de pesquisa foi realizado com moradores do Bairro Oliveira, Município de Cachoeira do Sul/RS, com intuito de entender quais fatores têm levado às mudanças na manutenção das hortas caseiras urbanas. Desta forma, buscou-se conhecer o perfil dos moradores que cultivam hortas caseiras, a importância delas para autoconsumo da família, bem como, verificar de onde os moradores adquirem os produtos que consomem em sua alimentação. Os resultados apontam que as hortas são fonte direta de alimentação das famílias. Os entrevistados não comercializam o excedente produzido, compartilhando-o com parentes e vizinhos, ficando claro o caráter de interação social que uma horta caseira propicia. Quanto aos motivos apontados para a diminuição das hortas caseiras na localidade, mencionou-se a falta de tempo, a não continuidade deste costume entre os familiares, a urbanização do bairro, bem como a ausência vontade de lidar com a terra, elemento presente entre as novas gerações. Nesse sentido, faz-se necessário que organizações públicas ou privadas direcionem esforços para esta atividade com mais interesse, pois sua relevância social, nutricional e econômica é significativa para as populações urbanas de qualquer cidade.

Palavras-chave: Agricultura Urbana, Hortas Caseiras, Cultura Popular.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

SUMMARY

Urban agriculture is a theme of great social relevance at the present time, since it includes the construction of an effective food security, having the potential to make social transformations, through processes of agrobiodiversity exchanges, experiences in agricultural management and environmental education, through construction of homegardens. In this context, the present research was carried out with residents of the Oliveira Neighborhood, located in Cachoeira do Sul Municipality, RS, in order to understand what factors have led to changes in the maintenance of the urban homegardens. In this way, it was sought to know the profile of the inhabitants who grow homegardens, the importance of these areas for self-consumption, as well as to verify where the residents purchase the products they consume. The results indicate that homegardens are a direct source of food for families. The respondents do not market the surplus produced, sharing it with relatives and neighbors, making clear the social interaction that a homegarden provides. In relation to the factors causing the decrease of the number of homegardens in the locality, the respondents mention the lack of time, the lack of continuity of this custom among the relatives, the urbanization of the neighborhood, as well as the lack of willingness to deal with the land, present in new generations. In this sense, it is necessary that public or private organizations direct efforts to this activity with more interest, since its social, nutritional and economic relevance is significant for the urban populations of any city.

Keywords: Urban Agriculture, Homegarden, Popular Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Município de Cachoeira do Sul com a sua divisão geográfica.....	28
Figura 2 – Vista Geral do Bairro Oliveira a partir da Rua Nicolau Roos.....	29
Figura 3 – Croqui de localização das hortas caseiras dos entrevistados no Bairro Oliveira....	30
Figura 4 – Horta caseira consociada com arvores frutífera.....	34
Figura 5 - Horta caseira consociada com criação de galinhas.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais características do município de Cachoeira Do Sul/ RS	26
Quadro 2 – Valor da produção (R\$), área plantada (ha) e área colhida (ha) de soja, fumo e arroz no município de Cachoeira do Sul/ RS	27

ABREVIATURAS E SIGLAS

AU	- Agricultura Urbana
CNUCED	- Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
CEASA	- Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNUD	- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SAN	- Segurança Alimentar e Nutricional
UFSM	- Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	JUSTIFICATIVA.....	13
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	15
4	METODOLOGIA.....	24
4.1	Área de Estudo.....	24
4.2	O Trabalho e a Coleta de Dados.....	28
5	RESULTADOS.....	30
5.1	Caracterização dos entrevistados.....	30
5.2	As Hortas Urbanas no Bairro Oliveira: Uma Cultura em Mudança.....	31
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXO A – Roteiro Entrevista.....	42
	ANEXO B – Termo De Consentimento Informado, Livre E Esclarecido.....	44

1 INTRODUÇÃO

Atendendo a necessidade de elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso para o Bacharelado em Desenvolvimento Rural, procurei um tema de relevância social que atendesse meus interesses pessoais e que fosse ligado ao universo rural. Neste contexto, por residir na zona urbana do município de Cachoeira do Sul/RS, surgiu à ideia de desenvolver meu trabalho sobre agricultura urbana nesta localidade, mais especificamente sobre uma de suas manifestações: as hortas caseiras.

O tema agricultura urbana é de grande relevância social na atualidade, pois abrange a construção individual e coletiva de uma segurança alimentar efetiva, possuindo possibilidades de provocar transformações sociais em comunidades pela ação coletiva e efetiva em processos de trocas de produtos e experiências práticas de manejos agrícolas e de educação ambiental abrangente na construção de hortas comunitárias.

Em minha infância, que passei em minha cidade natal Cachoeira do Sul, no Bairro Oliveira, possuíamos a cultura de ter canteiros com hortaliças cultivadas em local apropriado de nosso pátio. Não somente minha família, mas quase todos nossos vizinhos também tinham canteiros cultivados com algumas hortaliças, principalmente alface, tomate, rúcula, cenoura entre outras espécies. Da mesma forma, era fácil encontrar árvores frutíferas em abundância, principalmente laranjeiras e bergamoteiras. Não comprávamos em mercados quase nenhuma hortaliça ou fruta cítrica, uma vez que era somente necessário caminhar pelo nosso terreno e colher verduras sempre frescas. Sabíamos de onde vinham estes alimentos, conhecíamos os processos de como cultivar hortas e, quanto não cultivávamos, recorriamos aos nossos vizinhos de rua para trocar ou pedir produtos, pois este costume ou cultura eram praticados por todos.

Após residir por mais de dez anos em outras cidades, retornei para Cachoeira do Sul e para o Bairro Oliveira. Na ocasião, constatei que esta cultura de possuir hortas caseiras, o uso dos seus produtos para alimentação, assim como o escambo entre vizinhos, havia quase se extinguido no bairro.

Neste contexto, meu problema de pesquisa está alicerçado em identificar as mudanças sociais ocorridas no cenário urbano de Cachoeira do Sul/RS, mais especificamente no Bairro Oliveira, relacionadas à cultura popular de possuir hortas, buscando identificar os fatores que vêm levado ao seu abandono na atualidade. Adicionalmente, buscar-se-á levantar o perfil das pessoas que possuem hortas, a importância destas hortas na renda familiar, como estes alimentos são consumidos pelas famílias, o local de aquisição de alimentos que

complementam a alimentação das famílias, bem como identificar quais fatores causaram alterações nos processos de implantação e desenvolvimento das hortas neste bairro.

Cachoeira do Sul/RS é um município com características típicas dos municípios da metade sul do Rio Grande do Sul, onde a agropecuária é responsável pela movimentação da economia local. A soja apresenta-se como o principal produto agrícola do município, de expressivo valor econômico, com aproximadamente cento e trinta mil hectares cultivados. Também ocupam os espaços rurais a cultura do arroz, a criação de gado de corte e, nas áreas de agricultura familiar, o fumo possui um espaço bem significativo. O município, assim como outros do estado, também sofre com as fraudes alimentares, algumas delas amplamente conhecidas como a do leite compensado, bem como as relacionadas ao uso excessivo de agrotóxicos nos alimentos, muitos deles presentes nas Centrais Estaduais de Abastecimentos (CEASA) de Porto Alegre, as quais nos colocam em situação de extrema vulnerabilidade.

Conforme já mencionado, até a década de 1970, registrava-se no bairro Oliveira um expressivo número de hortas sendo mantidas nos pátios das residências. Além disso, a maioria dos cultivares eram manejados sem o uso de agrotóxicos, mas com produtos locais, situação que propiciava a promoção da segurança alimentar local, através da produção de alimentos saudáveis, cuja procedência era bem conhecida.

Atualmente, a tradição de manter hortas ainda é presente entre os membros da comunidade com mais de cinquenta anos de idade, que ainda dispõem de saúde para o trabalho braçal. Dentre os fatores que ameaçam sua permanência está a falta de tempo livre para manutenção desses espaços, a facilidade da compra de produtos em supermercados e o não envolvimento dos filhos nas atividades de manejo simples da horta, o que faz com que esse costume não esteja arraigado entre os membros mais novos das famílias.

Importante mencionar que a cultura de manter hortas em espaços residenciais surgiu, em parte, pelo êxodo rural causado pela “Revolução Verde”, evento que provocou, dentre outros fatores, elevação dos custos de produção, inviabilizando as pequenas propriedades. A falta de trabalho rural local ocasionou a migração de pessoas para as cidades, introduzindo no meio urbano esta forma de produzir alimento para autoconsumo.

Nos dias atuais, a manutenção de hortas em áreas urbanas constitui-se também como resgate de uma cultura que foi amplamente praticada, nos remetendo à vivências que fortalecem a promoção de uma alimentação segura e saudável, bem como trocas de conhecimento e material genético. Além disso, as hortas constituem uma ação social de ampla repercussão em diversas áreas, como ambiental, através da utilização de manejo sustentável, e econômica, por meio do aumento da renda de seus mantenedores.

Nesse sentido, o resgate da cultura de se manter hortas configura-se uma ação prática e possível de ser construída, sendo uma necessidade urgente em nosso modelo de sociedade atual. Elas trazem para a prática modos de vida possíveis de serem resgatados, criando uma rede de atores atuando em torno de ações voltadas para promoção da segurança alimentar e nutricional, através do controle da produção e da origem dos produtos consumidos.

Nesse contexto, o objetivo geral do presente trabalho é conhecer as hortas urbanas mantidas pelos moradores do bairro Oliveira, situado no município de Cachoeira do Sul, RS, buscando entender quais fatores têm levado às mudanças na sua manutenção no bairro.

Como objetivos específicos buscar-se-á:

1. Conhecer o perfil dos moradores que cultivam hortas no bairro Oliveira, município de Cachoeira do Sul/RS;
2. Conhecer as hortas urbanas e sua importância para o autoconsumo e para a renda das famílias que as mantêm;
3. Verificar onde os moradores do bairro alvo da pesquisa adquirem suas hortaliças, complemento de sua alimentação;
4. Identificar quais são os fatores que causaram alterações na manutenção de hortas no bairro Oliveira.

2 JUSTIFICATIVA

A Revolução Verde alterou drasticamente as maneiras de produção no campo, introduzindo pacotes tecnológicos que buscam adaptar os diversos tipos de ecossistemas às formas comerciais de produção, através do uso de sementes modificadas, adubos químicos, agrotóxicos, na tentativa de “modernizar” as distintas formas de fazer agricultura (Alves 2009). Estas mudanças certamente não afetaram somente o modo de cultivar, alterando também a estrutura social, a forma de viver e conviver no campo (Alves 2009).

Esta nova forma de produção causou uma sobra de mão-de-obra, ou seja, manejos agrícolas que antes exigiam o trabalho de muitas pessoas são atualmente feitos com um trator. Ainda, em locais onde era necessário um rebanho de bovinos para adubar o solo, hoje são utilizados sacos de fertilizantes químicos e equipamentos mecânicos para espalhá-lo. Como consequência, as ações produtivas foram simplificadas, tornando-se dependentes de equipamentos e máquinas, fazendo com que o fator humano não seja mais tão necessário.

Vale mencionar que estes avanços tecnológicos tiveram um custo financeiro muito grande, não sendo ofertadas políticas públicas que contemplassem os agricultores familiares com as mesmas formas de financiamento do que as oferecidas para o “grande agricultor” (Stedile, 2011). Os agricultores familiares não tinham como acessar estas linhas de crédito por não terem terras suficientes para usufruírem deste financiamento público e tiveram que, em sua maioria, vender suas terras e migrar para as cidades caracterizando, assim, o êxodo rural (Stedile 2011).

Estes trabalhadores, em sua maioria, foram utilizados como mão-de-obra para a indústria nacional, habitando, principalmente, as periferias das cidades, com acesso a muitos lotes de terrenos ainda não ocupados, possuindo assim um espaço para desenvolver atividades agrícolas que culturalmente conheciam, utilizando estas áreas para cultivar hortaliças, milho e mandioca, assim como para criar animais, caracterizando, desta forma, esta atividade como forma de agricultura em espaços urbanos.

Atualmente, os espaços ociosos nos perímetros urbanos são raros, ficando a cultura de produzir alimento restrito às hortas caseiras. Os moradores que as mantem são pessoas com ligação à cultura rural, com famílias de origem no campo, sendo a produção de alimentos voltada ao consumo próprio. Essas pessoas mostram-se preocupadas em consumir alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos, cultivando hortas caseiras para este fim. Além disso, muitas pessoas nas grandes cidades estão construindo hortas comunitárias com preocupações que ultrapassam a produção de alimentos limpos, focando-se na humanização das cidades e na

diminuição dos impactos ambientais que a vida humana produz, através do desenvolvimento de atividades complementares como compostário, aproveitamento da água da chuva, reciclagem de materiais, terapia para aliviar o estresse da vida urbana, dentre outras.

Neste contexto, entender a cultura das hortas caseiras se faz necessário para compreendermos as mudanças sociais que vem acontecendo nos perímetros urbanos e que influem no hábito cultural de possuir hortas. Para isso, no presente estudo, investigou-se as hortas do município de Cachoeira do Sul/RS, Bairro Oliveira, no sentido de conhecer o perfil dos moradores que possuem hortas atualmente, suas influencias na economia e consumo familiar e os fatores sociais e econômicos que alteram esta cultura, muito necessária e viabilizadora de vários ganhos como produção sustentável de alimentos e redução do gasto financeiro e logística da compra de produtos (Comelli, 2015). Ainda, esta se constitui uma atividade que proporciona sociabilização e aproximação das famílias moradoras das cidades, bem como a melhoria da saúde da população pela ingestão de uma alimentação livre de agrotóxicos (Comelli, 2015).

Pesquisar sobre hortas caseiras pode representar uma perspectiva de resgate de um modelo social comunitário, apoiado nas interpelações dos seus cultivadores, onde suas necessidades de melhorias passam por movimentos de bairros organizados pela sociedade civil, forçando os gestores públicos a intervirem como norteadores de resultados que podem ser alcançados em diversas áreas sociais, ambientais, financeiras e culturais.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O processo de modernização da agricultura no Brasil envolveu uma mudança radical nos meios produtivos por indução da aplicação de pacotes tecnológicos, principalmente a mecanização e quimificação dos manejos que anteriormente eram realizados de forma artesanal, necessitando de uma quantidade considerável de mão-de-obra, transformando não somente a economia rural, como a sociedade rural e urbana (Alves, 2007). Os beneficiados desta política de modernização foram os grandes latifundiários, pesquisa agropecuária e, assistência técnica, que adquiriam pacotes tecnológicos a preços mínimos e recebiam incentivos fiscais (Miller e Martines, 1997).

Neste contexto, os filhos dos pequenos agricultores eram incentivados a migrar para as cidades buscando trabalho nas indústrias que ali existiam, lógica incentivada pela premissa de novos empregos e salários, deixando para trás a produção de alimentos e a luta por uma condição de vida melhor (Stedile, 2005). Como resultado, surgiram cidades espontâneas, orgânicas ou não planejadas, que resultam “*duma sucessão de intervenções feitas ao longo do tempo subordinadas às condições do terreno*” (GUERREIRO, 2000, pg.02).

Desta forma, “*o deslocamento da população proveniente das zonas rurais para as zonas urbanas ocorreu de forma acelerada, provocando um crescimento desordenado das cidades, transformando-as em grandes centros populacionais*” (PINHEIRO E FERRETO, 2010, pág.02), habitados por uma população de baixa renda e poder aquisitivo, submetida a muitas situações de insegurança alimentar. Machado e Machado (2002) apontam ainda que a ocupação das cidades por este deslocamento populacional acarretou uma urbanização não planejada, com consequências relacionadas à problemas conjunturais de saneamento básico, fornecimento de alimentos e preservação ambiental (Machado e Machado, 2002).

Nesta perspectiva, quando não houver mais uma população rural, ACHAR (2011, pág.01), nos apresenta sua visão:

O mundo tem quase 7 bilhões de pessoas e um pouco mais da metade vive em áreas urbanas. Com 80% da população de todo planeta vivendo em cidades em 2050, quem vai ficar no campo e produzir o nosso alimento? Máquinas, oras! Desmate a vegetação nativa, despeje trilhões de sementes de um único tipo de alface em fileiras a perder de vista. Deixe tudo retilinearmente organizado, asséptico, como caixinhas longa vida na prateleira do supermercado. Coloque fertilizantes e pesticidas químicos, feitos a base de petróleo, para matar toda micro vida e afastar passarinho, abelhas, minhocas, plantas daninhas. Isso se chama monocultura. Em nome da alta produtividade, ela detona o solo, deixa a terra mais pobre que areia de canteiro de obras, suga toda a água da região e, se faltar, toma de fontes naturais vizinhas. O alface é colhido, percorre muitos quilômetros e passa por um monte de atravessadores até chegar na sua casa. Do campo ao prato, a alface perdeu frescor, sabor, vitalidade e ajudou a queimar muito combustível. Batata, laranja, banana, feijão, tomate...ingredientes de uma dieta de baixa qualidade nutricional e muito CO2.

Neste contexto social, é necessária uma ação individual ou coletiva, de caráter público ou privado, na produção de alimentos em áreas urbanas ou periferias das cidades, sendo esta uma forma de enfrentamento desta situação de vulnerabilidade (Pinheiro e Ferrareto, 2010).

Entre os anos de 1970 e 1990 houve um deslocamento de cerca de trinta milhões de agricultores para perímetros urbanos. Aqueles que não puderam pagar pela modernização da agricultura, foram forçados a abandonar seu modo de vida camponês, situação que provocou êxodo rural e a assimilação do modo de vida rural pelo urbano (O'REILLY, 2014).

Ao se estabelecerem no meio urbano, as famílias de antigos agricultores se viram obrigadas a desenvolver modos de vida muito diferentes daqueles regulados pelos ciclos da natureza a que estavam habituados. Se por um lado, esses novos modos de vida assimilam a essência das formas de convivência propriamente urbanas, por outro, retêm antigas práticas provenientes de suas origens rurais, que continuam a se manifestar no vocabulário, na culinária, nas artes, na sociabilidade e na relação com a terra e as plantas. A intensa urbanização no Brasil, desde a segunda metade do século XX, não sufocou completamente as práticas agrícolas nos espaços sobre os quais avançava. Além disso, trouxe agricultores e agricultoras de diferentes regiões para a cidade. Oprimiu fortemente, mas não extinguiu as culturas oriundas do meio rural. Por isso, nas cidades, inclusive nas metrópoles, há muitas agriculturas. (HALDER; MENDONÇA; MONTEIRO, 2008 APUD O'REILLY 2014, pág. 19).

Neste sentido, as transformações causadas pela fusão da cultura rural como a urbana contrariam a falácia da ausência de relações entre os universos rural e urbano (O'REILLY 2014), sendo este último profundamente transformado com a prática de uma agricultura multifuncional, onde a produção urbana de alimentos recria uma agricultura agora não no campo, porém inserida nas cidades com muitas possibilidades, que vão desde a criação de pequenos animais até a produção de alimentos via hortas caseiras ou comunitárias, para autoconsumo das famílias ou opção de renda via comercialização dos produtos colhidos (Santandreu e Lovo 2007).

Segundo BOUKHARAEVA ET AL (2005, pág. 415), o termo agricultura urbana:

Combina dois conceitos construídos anteriormente: o do desenvolvimento sustentável, proposto em 1987 pela Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cnuced), e o de desenvolvimento humano, utilizado pelo Pnud depois de 1990. O desenvolvimento humano sustentável procura satisfazer as necessidades imediatas sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras também satisfazerem suas necessidades.

Estes autores apontam que a agricultura urbana sempre existiu, estando “o componente agrícola das cidades sempre presente, desde as cidades do Neolítico até as cidades modernas, mas que ele foi negligenciado ou ignorado pelo poder público e pelos

cientistas durante o século 20” (BOUKHARAEVA ET AL 2005, pág. 416) e que, neste mesmo século, os países do Hemisfério Sul a desenvolveram independente de seu modelo de urbanização (Boukharaeva et al 2005).

Neste contexto econômico social encontramos uma nova forma de agricultura nos espaços urbanos, assim definida por SANTANDREU E LOVO (2007, pág.11) como:

A AU (Agricultura Urbana) é um conceito multi dimensional que inclui a produção, transformação e a prestação de serviços, de forma segura, para gerar produtos agrícolas (hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais, cultivados ou advindos do agro extrativismo, etc.) e pecuários (animais de pequeno, médio e grande porte) voltados ao auto consumo, trocas e doações ou comercialização, (re) aproveitando-se, de forma eficiente e sustentável, os recursos e insumos locais (solo, água, resíduos, mão-de-obra, saberes etc.). Essas atividades podem ser praticadas nos espaços interurbanos, urbanos ou periurbanos, estando vinculadas às dinâmicas urbanas ou das regiões metropolitanas e articuladas com a gestão territorial e ambiental das cidades.

O tema, de recente estudo, não apresenta uma definição universal. Neste sentido, DUBBELING E SANTANDREU (2003, pág.01), apresentam um novo conceito que vai além do plantio de vegetais e a criação de animais.

Agricultura Urbana (AU) está situada dentro (intraurbana) ou na periferia (periurbana) de uma localidade ou cidade, e incorpora práticas de cultivo ou criação de animais processamento e distribuição, reciclagem de resíduos ou águas residuais com fins produtivos, de processamento e distribuição de uma ampla variedade de produtos alimentares e não alimentares, utilizando recursos humanos e materiais, produtos e serviços que se encontram em volta da citada zona, e por sua vez provendo recursos e materiais à mesma.

Ainda, MACHADO E MACHADO (2002, pág.09), apresentam uma definição semelhante sobre o tema, especialmente no tocante à suas diversas possibilidades produtiva:

Agricultura urbana refere-se à localização dos espaços dentro e ao redor das cidades ou áreas urbanas. A área intra-urbana refere-se a todos os espaços dentro das cidades que podem ter algum tipo de atividade agrícola. Podem ser áreas individuais ou coletivas ou ainda áreas públicas dentro e entre os contornos das cidades, incluindo as vias públicas, praças, parques e áreas ociosas como lotes e terrenos baldios.

Em contrapartida, o conceito de ZEEUW ET AL (2000, pág.01), engloba a ideia de cadeia de produção: *"a agricultura urbana é considerada como um conceito dinâmico que compreende uma variedade de sistemas agrícolas, que vão desde a produção para a subsistência e o processamento caseiro até a agricultura totalmente comercializada"*. Neste contexto, existem muito elos desta cadeia que podem gerar outras formas de desenvolver agricultura urbana, que acontece de uma simples horta caseira até um complexo aviário com

exigências sanitárias complexas para seu funcionamento, principalmente instaladas em uma cidade.

Wandscheer e Medeiros (2017) percebem que a agricultura urbana segue a linha da multifuncionalidade, atendendo às necessidades de ocupação dos espaços territoriais ociosos, para produção de alimentos de forma não comercial, socializadora, e como meio de trabalho remunerado.

A agricultura urbana é voltada a necessidades de diversos segmentos e setores urbanos que vão desde a alimentação até o aproveitamento de lugares com natureza. As práticas agrícolas, portanto, não são vinculadas a debates locais ou mesmo nacionais, ocorrem em diversas partes do mundo e não precisam necessariamente estar vinculadas a políticas públicas nem tampouco a organizações locais específicas. (WANDSCHEER E MEDEIROS, 2017, pág. 04).

Comelli (2015) menciona que, no Brasil, possuímos uma agricultura urbana que segue as necessidades dos habitantes dos centros urbanos, geralmente ligados em proximidade com seus consumidores ou a um núcleo familiar, podendo esta ser dividida em:

1. Hortas institucionais, apoiadas em iniciativas públicas, presentes em escolas, hospitais, penitenciárias, empresas privadas, etc;
2. Hortas comunitárias, construídas por grupos de moradores de determinados bairros, principalmente vinculados a associações, cuja produção é dividida, possuindo um morador responsável por sua organização;
3. Hortas domésticas ou caseiras, cultivadas em pequenas parcelas dos terrenos dos moradores urbanos, destinadas principalmente para o auto consumo familiar, onde cultiva-se principalmente hortaliças, temperos e plantas medicinais; e
4. Hortas comerciais, desenvolvidas para produção de alimentos visando sua comercialização, atendendo as necessidades comerciais de seus proprietários, localizando-se, geralmente, na periferia dos centros urbanos com uma produção diversificada, possuindo um ciclo de comercialização curto com venda direta em feiras livres e mercados próximos de sua origem.

Vale ressaltar que existe junto a muitas comunidades urbanas uma preocupação com a saúde alimentar, motivo pelo qual *“o cultivo doméstico de hortas comunitárias ganhou importância como uma política alternativa de redução da pobreza e melhoria das condições alimentares das famílias no Brasil desde o final do século passado”* (BRANCO E ALCÂNTARA, 2011, pág 01). Ainda, as hortas caseiras ou comunitárias são vistas como uma alternativa à problemas relacionados à importação de produtos para os centros urbanos, ausência de condições financeiras para sua aquisição, bem como para impactos ambientais

resultantes da energia requerida para a produção, processamento e transporte de produtos, assuntos pouco discutidos (Machado e Machado, 2002).

Adicionalmente, o cultivo de hortas em áreas ociosas nos grandes centros urbanos, auxilia na manutenção de uma agradável paisagem local, bem como na diminuição da proliferação de vetores de expressivas enfermidades, auxiliando no controle de endemias e epidemias (Machado e Machado, 2002). Ademais, produzir alimentos em uma hora urbana possui um papel ainda maior, segundo PINHEIRO (2003): “a produção urbana de alimentos contribui de forma significativa para o desenvolvimento econômico local, diminuindo, através da geração de trabalho e renda e da disponibilidade de alimentos para o consumo, os índices de pobreza”.

Vale ressaltar que o poder público possui uma grande parcela de responsabilidade no processo de incorporação da agricultura urbana por meio da implementação de hortas caseiras ou comunitárias, que ainda carece de muitos incentivos. Nesse sentido, ZEEUW ET AL (2015, pág.05) apresentam uma visão conciliadora:

A agricultura urbana também desempenha um papel significativo no enverdecimento da cidade, ajuda a melhorar o microclima, reduz a erosão, reduz os ruídos, e desempenha um papel na manutenção da biodiversidade, Produção de composto, húmus de minhoca e biogás (e incentivo à pesquisa aplicada sobre tecnologias de compostagem, minhocultura e biodigestão); As terras abandonadas e degradadas podem ser transformadas em hortas comunitárias ou divididas em pequenas hortas familiares, e contribuir para aumentar a autoestima e a segurança nos bairros mais carentes. . No Brasil, a agricultura urbana é promovida pelas autoridades locais para facilitar a integração social dos migrantes recém chegados na trama socioeconômica da cidade.

Dentre as motivações ao incentivo de hortas no contexto atual de transformações DRESCHER ET AL (2015, pág.05), apontam a obtenção da segurança alimentar e nutricional:

A globalização da crise econômica, o rápido crescimento da população, a migração do campo para a cidade, a deterioração das economias nacionais e as persistentes dificuldades econômicas são condições prévias para o início da atividade de produção de alimentos nas cidades em muitos países em desenvolvimento. A produção urbana de alimentos teria uma importância muito menor se não existisse a escassez de oportunidades adequadas e acessíveis para obter renda e uma demanda não satisfeita de produtos agrícolas - em quantidades suficientes e de qualidade adequada - nas cidades. Um importante desafio é fazer reconhecer a agricultura urbana como um contribuinte significativo para a segurança alimentar da cidade e para o desenvolvimento urbano sustentável.

A cultura de hortas urbanas se fortaleceu com a migração rural para o urbano, principalmente a partir do ano de 1960 e, como nos apresenta Alves (2009), esta migração está ligada a Revolução Verde, que reduziu a necessidade de mão-de-obra na produção agrícola. Estas pessoas continuaram com a cultura de produzir alimentos, principalmente

hortaliças em seus pátios ou terrenos em seu novo local de habitação urbana, as cidades (Alves 2009). Entretanto, no Brasil, a agricultura urbana, através da construção de hortas caseiras e comunitárias, entra em discussão na década de 1990, através de discussões sobre Segurança Alimentar e Nutricional, no Programa Fome Zero (Comelli, 2015).

Atualmente, inúmeros acontecimentos relacionados à fraudes alimentares têm chamado atenção para a necessidade de se resgatar formas de produção de alimentos focadas para a promoção da segurança alimentar e nutricional. Uma possibilidade reside na manutenção de hortas nos perímetros urbanos das cidades.

A cultura urbana de produzir alimentos mostra-se uma necessidade na atualidade, como um método eficaz para a promoção da segurança alimentar, *“o resgate da cultura de possuir hortas em suas residências nos perímetros urbanos é necessário, pois a manutenção de hortas caseiras em grandes centros ajuda os moradores a sobreviver em uma cidade mais urbanizada, fornecendo alimentos diretamente através dos quintais ou via trocas com vizinhos e parentes”* (SAVIERO ET AL, 2011, p 547). Neste contexto, as hortas urbanas não se esgotam somente na produção de alimentos seguros, como também propiciam interação comunitária, através de trocas de vivências necessárias para construção de uma sociedade menos individualista, assumindo um caráter alimentar e social, segundo PINTO (2007, pág. 03).

Função que tem necessidades, relações e potencialidades, muito para além da produção de alimentos e que, por tal, deve ser considerada no planeamento urbano, atendendo à sua relação benéfica com os outros componentes do ambiente urbano, tais como os serviços, as áreas verdes, os espaços de recreio e lazer, os edifícios, a economia, a paisagem, entre outros. Traz assim benefícios económicos, ambientais e sociais para as cidades.

Da mesma forma, aponta LEITE (2012, p.07) que: *“o conceito de “Horta Urbana” surgiu como uma forma de utilizar os espaços intersticiais existentes nas cidades permitindo o auto abastecimento e a disponibilidade de produtos frescos e sãos”*. Ainda, Leite (2012) aponta que uma horta não se restringe apenas à produção de alimentos, abrangendo benefícios como a redução da pobreza, a facilitação da segurança alimentar e nutricional, práticas de educação ambiental, o fortalecimento de redes sociais, bem como a promoção de melhorias na saúde física e mental dos seus manejaadores

Nesse sentido, Leite prossegue:

A agricultura praticada em meio urbano representa uma *atividade* com múltiplas vantagens e benefícios para os habitantes das cidades, pois permite: uma alimentação mais saudável, mais barata e, sobretudo, mais segura, com mais alimentos e mais frescos; o combate à fome dos mais carenciados; a inclusão social, dos mais

carenciados e dos migrantes; um complemento ao rendimento familiar; a melhoria das condições ambientais; a revitalização de espaços vazios ou degradados e de espaços indevidamente ocupados; o aumento da permeabilidade do solo, reduzindo a erosão; a educação alimentar e ambiental; a diversificação e valorização da cultura alimentar local; o fortalecimento da agricultura familiar; a reciclagem aos utilizar os resíduos orgânicos na compostagem para obter adubo verde. (LEITE, 2012, P.76).

Machado e Machado (2002) refletem sobre as hortas como estratégias para promoção do desenvolvimento sustentável, quando envolvidas em políticas públicas, por oferecer uma opção de vida saudável a todos os segmentos da sociedade, fornecendo alimentos de boa qualidade a um baixo custo, podendo ainda fazer parte da renda das famílias que as mantêm.

Através de políticas públicas voltadas para o incentivo e a implementação da agricultura urbana podem favorecer e promover o desenvolvimento local das periferias de grandes cidades. Além disso, pelo redirecionamento dos objetivos da comunidade, com ações participativas em todos processos de desenvolvimento, é possível oferecer opções de vida saudável para jovens e crianças além de gerar empregos e melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas ou desempregadas. A produção de alimentos de boa qualidade nutricional e sem agrotóxicos, desenvolvida a custo relativamente baixo, pode contribuir não só para melhorar a qualidade de vida, como também para aumentar a renda familiar. (MACHADO & MACHADO 2002, pág.11).

Podemos, ainda, destacar que uma horta individual ou comunitária modifica a vida da população envolvida: *“a horta comunitária representa, para aqueles indivíduos por ela beneficiados, um vetor de promoção de saúde e de lazer, garantindo incrementos em termos de qualidade de vida”* (COSTA, 2013, pág. 149.), qualidade esta que não pode ser somente mensurada por indicadores como PIB (Produto Interno Bruto). A produção urbana de alimentos construída via hortas urbanas individuais ou comunitárias caracteriza a multifuncionalidade de um processo produtivo sustentável, uma vez que tem preceitos como:

“manutenção a longo prazo dos recursos naturais e da produtividade agrícola; minimizar os impactos adversos ao ambiente; retorno económico adequado aos produtores; optimização da produção com um mínimo de materiais externos; satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda; e atendimento das necessidades sociais das famílias”. (VEIGA 1994 APUD PINTO 2007, p.11).

“Estas hortas podem ser construídas em propriedade particulares de moradores de bairros, em terrenos públicos, praças e parques, escolas e creches”, espaços identificados por SANTANDREU & LOVO (2007, pág.13).

Dentre as possibilidades de aumento de ações ecológicas em perímetros urbanas,

Destacam-se a conservação dos recursos naturais, a amenização do impacto ambiental decorrente da ocupação humana e a grande ação nas comunidades, buscando a

sustentabilidade, o incremento da reutilização e reciclagem de resíduos é também de grande importância. (MACHADO & MACHADO 2002, p.23),

Além do exposto anteriormente, o resgate da cultura das hortas individuais ou comunitárias,, quando feito em parceria entre sociedade civil e poder público, pode promover muitas outras ações: se *”explorada de forma planejada, a agricultura urbana promove melhoria na estrutura social de uma região, pois favorece o diálogo e a integração entre os moradores das comunidades que a praticam, assim como estimula o trabalho comunitário e coletivo, servindo também como recreação”* (SIAU & YURJEVIC APUD ALVES 2009, p.09).

A agricultura urbana, vivenciada através das hortas caseiras, implica em mudanças significativas no meio social, como desenvolvimento da economia local. Ainda, através delas, criam-se canais de comercialização de mudas, compostos orgânicos, aperfeiçoando seus manejos, trocando experiências, fatores que resultam em uma melhor produção das hortas, acarretando uma sobra de recursos financeiros gastos com alimentação, que podem ser direcionados para melhoria das condições de vida da população, aquecendo o comércio local. Ainda, na perspectiva social, o envolvimento do grupo familiar no plantio, manejo e colheita aproxima seus membros, vincula um modo de vida com mais interligação entre pais e filhos, além de possibilitar uma rede de compartilhamento de situações que, divididas, podem beneficiar os responsáveis pelas hortas, suas famílias e comunidade em geral. Uma horta caseira tem o poder de aproximar seus vizinhos por interesse em iniciar uma horta, compartilhar conhecimentos construídos por sua história de vida, vincular problemas comunitários em soluções conjuntas, desvinculando uma sociedade individualista em uma ação comunitária social (Comelli, 2015).

Ainda, os benefícios ambientais advindos da manutenção das hortas são inúmeros, uma vez que estas podem produzir alimentos de forma limpa, sem uso de qualquer produto químico. Além disso, a prática da compostagem permite que os resíduos orgânicos sejam reutilizados, o que libera o meio ambiente da contaminação (Comelli, 2015).

Outro ponto importante que pode ser destacado é o aproveitamento de espaços urbanos sem ocupação, áreas normalmente utilizadas como depósitos de entulhos que passam agora a serem ocupadas com uma atividade sustentável de produção de alimentos (Machado E Machado 2002). Nesse processo de humanização do concreto, *“todos os espaços da cidade podem constituir um contorno verde entre prédios, casas, vias públicas, praças, parques, encostas e alterar as condições climáticas locais, contribuindo para incrementar a umidade, reduzir a temperatura, melhorar o odor”* (MACHADO E MACHADO 2002, pág.14).

Diante do exposto, fica evidente a importância das hortas como expressão da agricultura urbana, no cenário atual. Entretanto, esta cultura agrícola incorporada nas cidades não pode findar-se. Nesse sentido, os moradores mais jovens que não possuem ligação histórica com o rural precisam ser convencidos da necessidade da produção caseira de alimentos, uma ação cultural necessária, com consequências benéficas, desde a produção alimentos limpos, à humanização dos espaços urbanos ou mesmo como um hobby para preenchimento saudável de tempo livre ou uma ligação produtiva sustentável com o ambiente (Windscheer, 2015).

4 METODOLOGIA

4.1 Área de Estudo

O município de Cachoeira do Sul, o quinto a ser fundado no Rio Grande do Sul, está situado na região central do estado, chamada de Depressão Central, ficando distante 200 km da capital, Porto Alegre, estando na margem esquerda do Rio Jacuí. Seu relevo é levemente ondulado do sentido norte para o sul, com clima subtropical, possuindo as quatro estações do ano bem definidas (Fonte: Arquivo Histórico Municipal).

Sua população total é de 86.229 habitantes, 83% urbana e 17% rural, sendo constituída por uma mescla de várias etnias dentre elas índios Guaranis e imigrantes portugueses, alemães, italianos e africanos (Arquivo Histórico Municipal 2017). Seu território rural possui 272.639 propriedades rurais distribuídas em seis distritos, obedecendo a uma ocupação histórica onde os as terras com o bioma pampa foram distribuídos para a população de origem portuguesa e as áreas de floresta nas encostas das serras divididas entre os imigrantes alemães e italianos. O Quadro 1 sintetiza as principais informações do município (IBGE censo 2010).

Quadro - 1: Principais características do município de Cachoeira Do Sul/ RS

População Total (2015): 86.229 habitantes
Área (2015): 3.735,2 km ²
Densidade Demográfica (2013): 22,3 hab/km ²
Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (2010): 7,49 %
Expectativa de Vida ao Nascer (2010): 76,22 anos
Coeficiente de Mortalidade Infantil (2013): 6,15 por mil nascidos vivos
PIB (2013): R\$ mil 1.813.289
PIB per capita (2013): R\$ 21.095,80
Exportações Totais (2014): U\$ FOB 23.044.147
Data de criação: 26/04/1819 - (Alvará de)
Município de origem: Rio Pardo

Fonte: IBGE 2010.

A soja, o fumo e o arroz constituem-se os principais cultivos do município, tanto em área plantada como em valor da produção (Quadro 2).

Quadro 2: Valor da produção (R\$), área plantada (ha) e área colhida (ha) de soja, fumo e arroz no município de Cachoeira do Sul/ RS.

	SOJA	FUMO	ARROZ
Valor da produção R\$ (mil)	379.594	12.464	146.065
Área plantada (ha)	130.500	887	33.420
Área colhida (ha)	130.500	887	33.420

Fonte: IBGE 2016.

O município possui uma característica de ocupação do território em função do tipo de relevo que encontrado (Figura 1). O norte do município, delimitado pela linha de cor vermelha, apresenta um terreno acidentado, com predominância de coxilhas de pequena altura, por isso, nesta região, não é possível desenvolver uma agricultura em grande escala de produção contínua. Assim, nesta região encontramos agricultores familiares de pequena escala que, em sua maioria, pertencem ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Nos distritos desta região, o fumo ainda é a cultura predominante, sendo atualmente substituída pelo cultivo de hortaliças e fortemente pela fruticultura de oliveiras e noz-pecã.

Nas demais áreas, destacada em preto, encontra-se um relevo mais plano, com áreas abertas que possibilitam uma agropecuária em grande escala. Nesta região, o agronegócio é predominante, principalmente com a soja e algumas lavouras remanescentes de arroz devido à exploração das várzeas dos rios, principalmente o Rio Jacuí, que corta o município, sendo estas terras impossibilitadas para o cultivo da soja. Nesta região, a apicultura em matas nativas mostra-se como atividade expressiva.

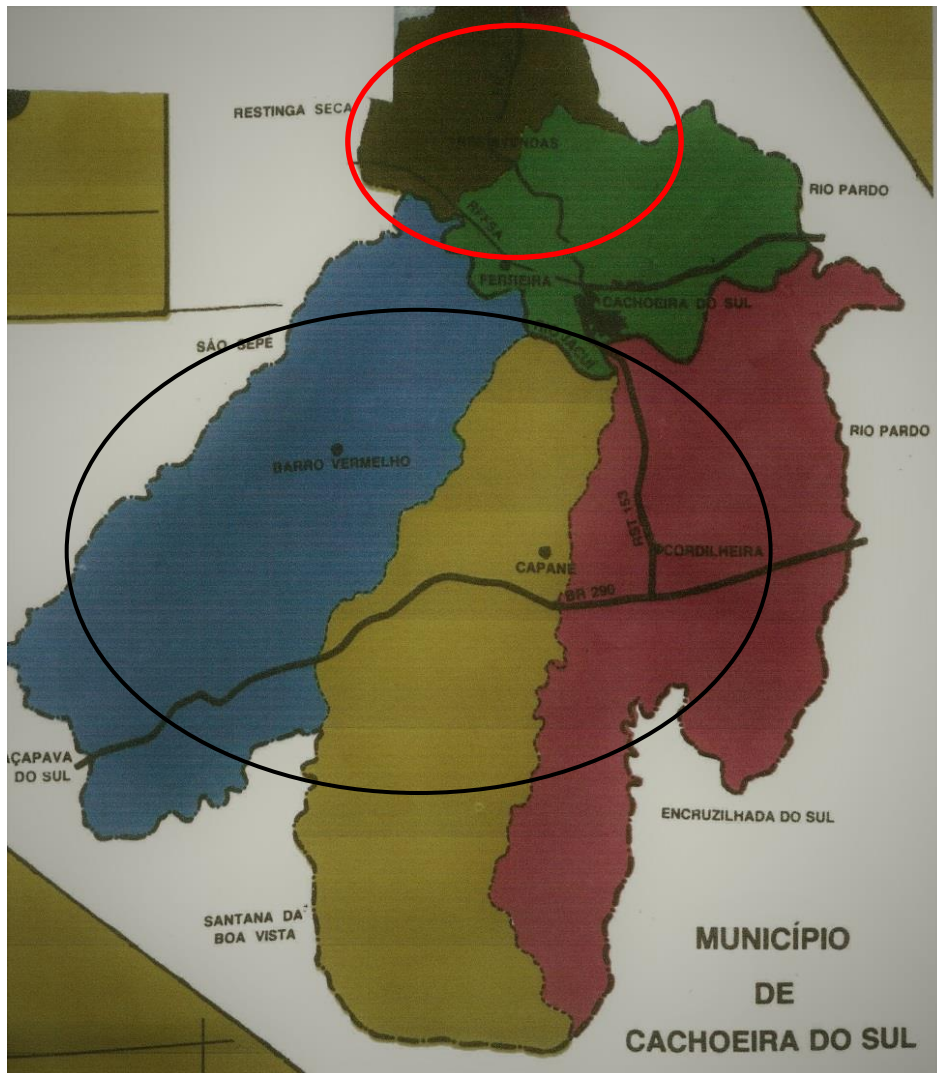


Figura 1 - Mapa do Município de Cachoeira do Sul com a sua divisão geográfica.
 Fonte: Museu Municipal de Cachoeira do Sul

O Bairro Oliveira possui uma estimativa de ocupação por volta do ano de 1950, sendo inicialmente uma propriedade rural pertencente ao Sr. José Oliveira, nome que deu origem ao bairro (Museu Municipal de Cachoeira do Sul, 2017). Sua população é composta por 1509 domicílios e 1467 moradores, dos quais 685 são homens e 824 mulheres (IBGE 2010). A população composta por pessoas com mais de cinquenta anos é de 42,16% do total de moradores do bairro, percentual que representa quase a metade de seus moradores.



Figura 2 - Vista geral do Bairro Oliveira a partir da rua Nicolau Roos.
Fonte: Autor da pesquisa 2017.

Sua estrutura urbana conta com várias igrejas, sendo destaque a Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, localizada no centro do bairro, construída por meio de mutirão pelos moradores. No bairro Oliveira encontramos, também, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Carvalho Portela, a mais antiga do município, e alguns pequenos empreendimentos de prestação de serviços (eletricistas, oficinas mecânicas, vendas, etc). Seu sistema viário conta com todas as ruas principais asfaltadas ou com calçamento de paralelepípedo. Ainda, o transporte urbano existente permite uma considerável mobilidade aos seus moradores, tanto para os demais bairros do município, como para a zona rural.

Em termos geográficos, o Bairro Oliveira situa-se na Zona Norte do perímetro urbano de Cachoeira do Sul, que reconhece este local como zona urbana. A Figura 3 mostra a localização das hortas investigadas no presente trabalho distribuídas no sistema viário do bairro.



Figura 3 - Croqui de localização das hortas caseiras dos entrevistados no Bairro Oliveira.
Fonte: Google Maps 2017.

4.2 O trabalho e a coleta de dados

O tema agricultura urbana será desenvolvido em uma pesquisa sobre hortas caseiras, pesquisa esta aplicada, de cunho exploratório, procurando identificar, por meio de estudos de caso, as causas do abandono da cultura de possuir hortas nas propriedades dos moradores do Bairro Oliveira, zona norte do perímetro urbano do município de Cachoeira do Sul, Estado do Rio Grande do Sul.

Uma amostra de dez moradores, com idades acima dos cinquenta anos e que possuíam hortas constituiu-se o alvo da pesquisa, sendo definida por meio de uma consulta informal feita junto à moradores do bairro, número que representa 4,2% da população residente no bairro com cinquenta anos ou mais e quase a totalidade dos possuidores de hortas urbanas no município. Importante mencionar que a escolha deste bairro foi determinada pela proximidade e familiaridade do autor com a localidade em questão.

Os dados qualitativos necessários para respondermos o problema de pesquisa e identificarmos os objetivos propostos foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas (ANEXO A), seguindo um roteiro pré-estabelecido oportunizando que os entrevistados pudessem dissertar sobre o tema (Gerhardt & Silveira 2009), fazendo referências sobre o seu modo de vida e a forma de ocupação das hortas. Nesse sentido, as perguntas buscavam pautar assuntos como a caracterização dos entrevistados e o levantamento de suas trajetórias de vida, bem como seu conhecimento sobre hortas, incluindo suas motivações e principais dificuldades encontradas para mantê-las.

Os dados colhidos passaram por uma pré-análise, através de leituras e, em um segundo momento realizou-se uma análise do conteúdo, que consistiu no agrupamento das respostas que puderam ser relacionadas com argumentos teóricos e as que possuem um caráter empírico (Gerhardt & Silveira 2009).

Nesta fase, foram destacados os motivos que induziram os moradores do referido bairro a modificarem o modo de desenvolverem suas hortas urbanas, procurando-se explicações teóricas para cada um dos motivos encontrados, bem como as motivações entre aqueles que ainda mantem viva esta cultura.

Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas mediante apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual são expostos os objetivos da pesquisa e a finalidade da mesma (ANEXO B).

5. RESULTADOS

5.1 Caracterização dos entrevistados

As entrevistas foram conduzidas com dez entrevistados, donos das propriedades urbanas, dos quais sete eram homens e três mulheres, situação que difere do estudo de Lepper (2007) realizado nas cidades de Teresina, estado do Piauí, Curaça, situada na Bahia e Brasília, no Distrito Federal, onde as hortas caseiras, na sua maioria, são administradas pelas mulheres.

A idade média dos participantes deste estudo é de 65 anos, constituindo este um tempo de vida suficiente para terem vivenciado muitas mudanças sociais e econômicas no bairro Oliveira. Esta escolha coincide com o perfil dos agricultores urbanos de Teresina, capital do Piauí, encontrado nos estudos de Lepper (2007), sobre o tema em estudo, onde 62,1% a 65,2% dos entrevistados possuíam a mesma idade média encontrada no presente trabalho. Esse quadro nos indica que o produtor agrícola urbano apresenta uma idade que lhe garante uma experiência de vida significativa, possuindo uma relação consciente com os meios de produção, comum a várias regiões do país.

Em relação à ocupação, sete entrevistados declararam ser aposentados, uma entrevistada atua como doméstica, uma como diarista e um informante como metalúrgico. Em relação ao histórico de vida, todos entrevistados afirmaram ter sua origem no campo, tendo residido nas zonas rurais de Cachoeira do Sul e de municípios vizinhos em momentos da infância ou juventude, exercendo atividades ligadas à agropecuária em propriedade da família e em trabalho para outros produtores. Estes dados indicam que os entrevistados têm uma ligação direta ao modo de vida rural, através de tarefas caseiras como ajudar seus pais na manutenção da residência e no cultivo de alimentos para autoconsumo, através do manejo de hortas caseiras. Dentre os que mencionaram ter deixado o campo indo para cidade em sua juventude, trabalharam com manejos rurais em propriedades com produção comercial, principalmente em cultura orizícola, como foi relatado por vários entrevistados.

As famílias são formadas, em média, por três pessoas, sendo que duas possuem um número de cinco membros, pois moram na residência, o casal, os filhos e os netos. Todos os moradores das residências entrevistadas que não se envolvem no manejo da horta trabalham fora. Porém, a principal fonte de renda dos entrevistados provém da aposentadoria. Em média, quase dois membros da família trabalham fora.

Quase a totalidade dos entrevistados, mais precisamente oito, reside no bairro Oliveira há 47 anos, em média, fazendo com que tenham acumulado um conhecimento particularmente grande do bairro. Em relação à sua origem, identificou-se que todas as famílias entrevistadas

são naturais da região central do Estado, e que a metade é do interior do próprio município de Cachoeira do Sul, assim com outros cinco são de municípios vizinhos, tendo se estabelecidos diretamente no bairro Oliveira. Relatos dos moradores mais antigos entrevistados indicam que a área era composta por uma paisagem de campo, com pastagens nativas que foram sendo ocupadas por moradores paulatinamente. As áreas não ocupadas eram usadas para cultivo de alimentos, principalmente milho e mandioca, servindo de pastagem para animais, como vacas leiteiras e cavalos, utilizados como meios de transporte. Vale mencionar que esta antiga ocupação pode ser atribuída à qualidade do bairro, sendo este considerado um local adequado para criação e desenvolvimento das famílias.

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a migrar para os perímetros urbanos do município, observa-se como a principal motivação a busca por uma nova forma de vida, devido ao campo não oportunizar mais trabalho e renda para as famílias. Neste sentido, tendo em vista que a idade dos entrevistados coincide com o período temporal da Revolução Verde, comprova-se a ocorrência do êxodo rural no município, provocado por esta ação “modernizadora” da agricultura no país.

5.2 As Hortas Urbanas No Bairro Oliveira: Uma Cultura Em Mudança

Todos os entrevistados mantêm hortas em suas residências, sendo que nove deles sempre conviveram com a cultura de produzir alimentos para autoconsumo. Apenas um entrevistado afirmou ter construído a horta após sua aposentadoria. O tamanho desses espaços, bem como seu tempo de manutenção variou entre os entrevistados, sendo o período médio de manutenção de 28 anos, intervalo significativo para acompanhamento das mudanças sociais e econômicas deste tipo de atividade produtiva.

Os entrevistados mencionaram que as hortas foram construídas por iniciativa própria. Oito deles responderam que trabalham sozinhos na sua manutenção e apenas dois recebem ajuda de suas esposas para o desenvolvimento de atividades como plantio, manejo e colheita.

Todos afirmaram que o custo de uma horta caseira é pequeno, principalmente porque sua implementação e manutenção não exigem mão-de-obra externa, apesar da falta do envolvimento de outros membros da família, como os filhos. Esse aspecto funcionaria para a criação do vínculo cultural de cultivar hortas, especialmente quando os pais não tivessem mais condições de desenvolver esta tarefa. O fato de todos os entrevistados adubarem suas hortas com esterco de animais da vizinhança, obtido de forma gratuita, torna ainda os custos da horta ainda mais reduzidos. Nesse sentido, alguns entrevistados possuem galinhas em

encerras para a produção de ovos e adubos para seus canteiros, conforme figura 4 e 5, garantindo alimentos limpos, ajudando na manutenção da saúde física e mental das pessoas.



Figura 4 – Horta caseira consorciada com árvores frutífera.
Fonte: A autoria do Pesquisador 2017.



Figura 5 - Horta Caseira consorciada com a criação de galinhas.
Fonte: A autoria do pesquisador 2017.

Seis entrevistados responderam que cultivam hortas por que gostam de lidar com a terra, um afirmou que esta é uma tradição familiar, quatro mencionaram ter preocupação em consumir alimentos livre de agrotóxicos e um mencionou que as hortas ajudam no orçamento familiar.

Em relação ao que é atualmente cultivado nas hortas, nove afirmaram produzir hortaliças e alguns temperos, acompanhando seu ciclo produtivo anual. Dois entrevistados, além desses produtos, possuem um pomar de laranjeiras e pessegueiros, utilizando sua produção para alimentação da família. Um entrevistado investe ainda em uma área maior de mandioca, porque possui uma horta com maiores dimensões, em três terrenos próximos a sua residência. Dois deles mencionaram que o tipo de plantio segue o ritmo do clima, principalmente das chuvas.

Importante mencionar que todos responderam que utilizam os alimentos produzidos nas hortas caseiras para consumo próprio da família, sendo as hortaliças produzidas em suas casas suficientes para alimentar a família, as quais são complementadas com compras de produtos agrícolas, não produzidos nas hortas, em supermercados do município, principalmente TISCHLER, IMEC, REDE SUPER, além de mercadinhos do bairro e em cerealista. Informações sobre a origem dos alimentos vegetais ofertados por esses estabelecimentos, coletadas junto aos trabalhadores dos mesmos, apontam que parte deles adquire seus produtos na CEASA de Porto Alegre, local onde, atualmente, foi reportado um caso de hortifrúti com alta dosagem de agrotóxicos, alguns deles proibidos no Brasil. A outra fonte de produtos apontada foram os agricultores do município e região, informação comprovada através das informações presentes nas pequenas placas junto aos produtos ofertados, indicando, assim, sua origem.

Desta forma, pode-se concluir que os entrevistados possuem duas fontes de alimento: uma vinculada à aquisição de risco, com elevadas doses de agrotóxicos e, outra associada aos produtos da agricultura familiar, com possibilidade de consumo de alimentos mais limpos com pouco uso produtos químicos.

Vale mencionar que nenhum entrevistado vende os alimentos que colhem em suas hortas, sendo o excedente de produção doado para parentes e vizinhos. Os entrevistados afirmam que economizam não somente o dinheiro necessário para a compra dos alimentos produzidos em casa, mas também poupam tempo e custo do deslocamento até um supermercado. Neste contexto, fica evidente a importância da produção das hortas para o autoconsumo das famílias e a sua contribuição na renda familiar, através da economia gerada por meio da produção de alimentos.

Em relação aos motivos que dificultam a manutenção das hortas nas residências observou-se que dois entrevistados apontaram o fato de a irrigação aumentar a conta de água, o que é um empecilho financeiro significativo, sendo preciso ter cautela neste procedimento ou possuir uma fonte alternativa de irrigação. Outros dois entrevistados apontaram que o

clima é um empecilho para manutenção da mesma. Outro motivo mencionado relacionou-se a idade avançada, uma vez que ela atrapalha nas atividades de manejo, sendo, neste caso, o pagamento de mão de obra inviável. Ainda, uma das respostas abordou a falta de tempo como principal dificuldade, pois o manejo das hortas requer atenção diária.

A maioria (nove) dos entrevistados respondeu que conhece algum vizinho ou parente que possui horta caseira no bairro, com os quais oito entrevistados afirmam trocar mudas e conversar sobre técnicas de manejo da horta. Apenas dois entrevistados não se relacionam com vizinhos que possuem horta pela distancia e modo de vida, porém busca esterco de cavalo em outros lugares para adubar seus espaços, criando outro tipo de relação não produtiva relacionada às hortas, na medida em que a reciprocidade nas ações de manutenção da mesma é colocada em exercício (troca de esterco por produtos, por exemplo). Esses dados evidenciam o caráter social de possuir uma horta, cujas benesses vão além da produção de alimentos seguros, limpos de agrotóxicos. Este caráter multifuncional da horta é encontrado no trabalho de Lepper (2007), sobre agricultura urbana na cidade de Santa Cruz do Sul/RS, como consequência ao estímulo a hortas domésticas para o autoconsumo ou permutas no bairro, ocasionando melhoria nas condições alimentares de todo o grupo familiar. Estas mesmas condições de interações sociais, familiares ou não, são encontradas junto aos possuidores de hortas no Bairro Oliveira, município de Cachoeira do Sul.

Quando questionados sobre as mudanças ocorridas nas hortas na localidade, nove entrevistados mencionaram que a urbanização é o principal fator de mudança no bairro, sendo este, no passado, uma zona suburbana, composta por campos, e que, principalmente após a década de 1950, com a ocupação, o local se tornou um bairro de Cachoeira do Sul. Por isso, nos dias atuais, não se encontram terrenos vazios sem ocupação residencial no bairro. Outra questão levantada por oito pessoas, relacionada a este tema, refere-se à melhorias na infraestrutura do local, como calçamento, asfaltamento e alguns empreendimentos comerciais que atendem a população do bairro. Um entrevistado citou a segurança com um fator significativo que chama sua atenção. Outro entrevistado mencionou a ausência de muitos espaços para se construir uma horta caseira e que as pessoas não têm mais tempo para se dedicar a esta tarefa. Ainda, a existência de poucos imóveis para alugar ou à venda no bairro indica que ele é composto por uma população permanente, e a possibilidade de utilização dos espaços em seus terrenos para construção de uma horta caseira passa a ser maior devido a influencia e convivência com os vizinhos que desenvolvem a cultura de produzir alimentos em suas propriedades.

Quando questionados sobre a importância das hortas para o bairro, oito entrevistados vinculam esses espaços com alimentação saudável e, principalmente, livre de agrotóxicos, motivos similares encontramos no trabalho de Alves (2009), ao estudar agricultura urbana na cidade de Florianópolis, em comunidades de baixa renda. Nesse caso, além de assegurar uma alimentação mais saudável, a horta contribui para melhorar a paisagem, pode-se verificar neste texto uma das principais características encontradas nas respostas dos entrevistados da pesquisa no bairro citado anteriormente, cultivar hortas como sinônimo para uma alimentação saudável. Dois entrevistados apontam a facilidade de obtenção de alimentos na área próxima da casa, não havendo necessidade de deslocamento para sua compra e três indicam que economizam dinheiro da renda familiar por não ser preciso comprar os alimentos. Ainda, outra resposta evidencia que as hortas correspondem a uma forma de alimentar famílias, especialmente para aqueles com problemas financeiros e desempregados, possuindo características semelhantes encontradas por Gonçalves (2014), ao estudar hortas urbanas em Lisboa, Portugal: “além de consumirem produtos frescos e saudáveis, conseguem poupar algum dinheiro, uma vez que não necessitam de comprar os bens cultivados”. Outro aspecto mencionado relaciona-se ao fato de que a manutenção desses espaços funciona como uma terapia, principalmente ocupando o tempo dos aposentados, aspecto também levantado por Gonçalves (2014) em uma referência à prática do manejo nas hortas, uma vez que estas funcionam como um hobby, uma terapia para as populações urbanas, sendo uma característica mundial dos possuidores de hortas caseiras.

Apesar de ressaltada sua importância, nove entrevistados informaram nunca ter recebido auxílio externo de nenhuma organização pública ou privada para implementação ou manutenção das hortas. Apenas um entrevistado afirmou que o presidente da Associação dos Moradores do Bairro Oliveira lhe forneceu equipamento, como enxada, para sua horta.

Dados coletados informalmente durante as atividades de campo apontam para a existência de um projeto em fase de implantação, desenvolvido junto às escolas municipais, voltado ao desenvolvimento do tema de Alimentação Saudável, incluindo, entre suas atividades práticas, a construção de hortas escolares. Esta ação pública conta com a parceria da Prefeitura Municipal de Cachoeira do Sul, Exército Brasileiro, através do 3º Batalhão de Engenharia de Combate, e da Emater. O envolvimento do poder público com ações práticas em agricultura urbana é também observado em Cuba, onde a produção de alimentos em perímetros urbanos, através de hortas, é fortemente incentivada pelo Governo Cubano, pela necessidade de produzir alimentos para suprir as necessidades da população (Comelli, 2015).

Os dados levantados e analisados indicam que o tempo é fator importante para manutenção das hortas no Bairro Oliveira. Os moradores entrevistados são, em sua maioria, aposentados, possuindo condições de exercer tal atividade, apesar dela ser também parte da vida dos entrevistados não aposentados. Os dados apontam ainda que, um forte fator de mudança nas pessoas possuidoras de hortas, é social, observado pela falta de ligação com a cultura rural pelos membros mais jovens das famílias. Apesar de todos os envolvidos na pesquisa terem vivenciado experiências na agricultura, tendo sua origem e história de vida à ela vinculada, fica implícito este motivo visto que apenas o pai ou a mãe de família executa o manejo da horta quase sempre sozinho, não envolvendo a participação dos filhos e em algumas famílias dos netos. Como relatou uma senhora entrevistada, cujo filho reside com ela: “os vizinhos estão morrendo e os filhos não continuam com o cultivo das hortas, termina com eles esta cultura”. Este fato contraria o apontado por Achar (2011, pág.01): *“onde hortas de quintal desapareceram. Mas estão voltando como forma de intervir, de forma ativa, na saúde das pessoas e das cidades e de harmonizar a satisfação de nossas exigências com as possibilidades do planeta. É prático, é saudável, é barato, é bonito”*.

Outro fator encontrado de relevância é o crescimento populacional do bairro, que substituiu as áreas de campo por ruas divididas em residências, confinando seus proprietários em espaços menores e com pouca terra para uso na produção de alimentos, afastando ainda mais de sua origem rural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população urbana da maioria das cidades brasileiras, assim como a do Rio Grande do Sul, é oriunda de transformações ocasionadas no rural. A necessidade de oferta de mão-de-obra para a indústria nacional alicerçou, primeiramente, esta migração da família rural para as cidades. O fenômeno que influenciou diretamente na transformação do rural foi a Revolução Verde, que substituiu a forma de fazer agricultura de uma forma artesanal, para a mecanizada e quimificada, fato que alterou definitivamente as relações de vida dos moradores rurais com esta nova forma de produção, não necessitando de tantas pessoas para o processo de produção, fazendo com que as famílias se deslocassem para as zonas urbanas e introduzissem seu modo de vida rural em um novo ambiente. Esta fusão cultural do rural com o urbano aproximou o costume de manter hortas entre a população urbana. Neste contexto, como manifestação mais simples e culturalmente desenvolvida pelas famílias de agricultores, as hortas caseiras são a principal ligação cultural do homem da cidade com suas origens rurais.

Atualmente, esta prática agrícola tem sido retomada em algumas grandes cidades, exercendo reflexos principalmente no processo de humanização dos espaços ociosos e na produção de alimentos seguros, assegurando de forma prática a segurança alimentar nutricional.

Os dados levantados no presente trabalho indicam que todos os entrevistados tem origem rural, desenvolvendo, ao longo da vida, atividades relacionadas à agricultura. Os entrevistados-alvo da pesquisa são, em sua maioria, pessoas com disponibilidade de tempo para o cultivo de hortas caseiras, sendo quase todos aposentados e aposentadas, com famílias compostas por três indivíduos, em média. Ainda, assim não recebem auxílio de nenhum membro da família para o manejo de suas hortas, atividades pautadas no gostar de lidar com a terra.

Nas residências, as hortas cultivadas são fonte direta de alimentação das famílias, onde são manejados cultivos principalmente hortaliças, cujos plantios acompanham as estações do ano. Os entrevistados não comercializam o excedente produzido, compartilhando-o com parentes e vizinhos, ficando claro o caráter de interação social que uma horta caseira propicia para seus cultivadores. Este processo de compartilhamento dos produtos produzidos mostra-se como um motivo de aproximação entre os moradores deste bairro. Importante mencionar que os entrevistados compram parte dos alimentos não produzidos nas hortas em supermercados, cuja origem principal destes alimentos são a CESA de Porto Alegre.

As entrevistas revelaram que a ocupação do Bairro Oliveira ocorreu principalmente com o processo de modernização da agricultura na região, fato evidenciado pelo resgate do histórico de vida dos moradores entrevistados, todos com vínculo no rural, tendo migrado para a cidade por decisão familiar. Este bairro possuía áreas de campo que paulatinamente foram substituídas por habitações, onde eram cultivados alimentos, principalmente mandioca e milho, que seus proprietários utilizam para alimentação e comercialização. A urbanização reduziu os espaços para utilização agrícola, assim, as hortas passaram de abundantes para poucas, nas residências de alguns moradores.

As falas dos entrevistados indicaram alguns motivos para diminuição de hortas caseiras na atualidade, dentre os quais se mencionou a falta de tempo, o falecimento de moradores mais antigos, a não continuidade deste costume entre seus familiares, a urbanização do bairro, com melhoria na sua infraestrutura, tornando o acesso à oferta de alimentos mais fácil. Ainda, foram apontados a falta de tempo para construção e manejo de uma horta, além da vontade de lidar com a terra, elemento ausente entre as novas gerações.

Entretanto, os benefícios de possuir hortas caseiras vão muito além da garantia da segurança alimentar e nutricional, através do consumo de um alimento sem aditivos químicos. A manutenção de hortas constitui-se uma atividade promotora da saúde física e mental das pessoas e suas famílias pelos alimentos consumidos, além da promoção de uma relação de convivência fraterna com seus vizinhos, os quais são apresentados com o excedente de produção e trocam informações sobre qual a forma de melhor aproveitar suas hortas caseiras, encontrando soluções coletivas para problemas comuns. Esta é uma evolução social, tendo em vista nosso modelo capitalista de sociedade nos isola. É necessário redimensionar esta cultura, pois pode assumir dimensões produtivas sociais que implicam em um consequente desenvolvimento sustentável do uso da terra. Nesse sentido, uma horta é muito mais que a produção de alimentos para o autoconsumo.

Tendo em vista o acima exposto e o fato de não existir nenhum tipo de auxílio financeiro público visando o incentivo às hortas no local de estudo, faz-se necessário que organizações públicas ou privadas direcionem esforços para esta atividade com mais interesse, pois sua relevância social, nutricional e econômica é significativa para as populações urbanas de qualquer cidade.

REFERÊNCIAS

- ACHCAR, T. **Num Planeta Superlotado, Há Espaços Desperdiçados. Art.04/05/2011.** Disponível em <<http://www.polis.org.br/uploads/569/569.pdf>>. Acesso em 09 ago.2017.
- ALVES, M, C. **A Prática da Agricultura em Espaços Urbanos: A Ação do CEPAGRO em Comunidades Periféricas de Florianópolis-SC. V Encontro de Grupos de Pesquisa – Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Sócias espaciais. Santa Maria 2009.** Disponível em <http://w3.ufsm.br/gpet/engrup/vengrup/anais/6/Morgana%20Alves_Estudos%20da%20Dinamica%20Regional%20e%20de%20Processos%20Ru.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- ARQUIVO HISTÓRICO DE CACHOEIRA DO SUL. **Dados Históricos de Cachoeira do Sul.** Disponível em: <<http://arquivohistoricodecachoeiradosul.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- BOUKHARAEVA L, M. CHIANCA, G, K. MARLOIE, M. MACHADO, A,T. MACHADO, C,T,T. **Agricultura Urbana Como Um Componente, Do Desenvolvimento Humano Sustentável: Brasil, França E Rússia.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 22, n. 2, p. 413-425, maio/ago. 2005. Disponível em <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8677/4864>>. Acesso em 10 ago.2017.
- BRANCO, M, C. ALCÂNTARA, F, A. **Hortas Urbanas E Periurbanas: O Que Nos Diz A Literatura Brasileira?** Página do horticultor / Grower's page 2011. Embrapa Sede, Depto. Pesquisa e Desenvolvimento, Parque Estação Biológica, Av W3 Norte (final), Ed. Sede, 70770-901 Brasília-DF. Disponível em <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/49787/1/v29n3a281.pdf>> . Acesso em 10 ago.2017.
- COMELLI, J, P. **Agricultura Urbana: Contribuição Para A Qualidade Ambiental Urbana E Desenvolvimento Sustentável: Estudo De Caso – Hortas Escolares No Município De Feliz/RS.** Porto Alegre 2015. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139382/000989842.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10 ago.2017.
- COSTA, A, B. **Tecnologia social & políticas públicas. São Paulo: Instituto Pólis; Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2013.** Disponível em <<http://www.issuelab.org/resources/19262/19262.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- DRESCHER, A, W. **Segurança Alimentar Urbana Agricultura Urbana, Uma Resposta À Crise?** Revista de Agricultura Urbana nº 1. 2015. Disponível em <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1resposta.html>>. Acesso em 11 ago.2017.
- DUBBELING, M. SANTANDREU A. **Agricultura Urbana: Motor Para O Desenvolvimento Municipal Sustentável.** Primeira edição fevereiro 2003 No.1. Orientações Para A Formulação De Políticas Municipais Para Agricultura Urbana. Disponível em <<http://agriculturaurbana.org.br/sitio/textos/AU01icdr.pdf>>. Acesso em 11 ago.2017.

FERREIRA, R, J. CASTILHO, C,J,M. **Agricultura Urbana: Discutindo Algumas Das Suas Engrenagens Para Debater O Tema Sob A Ótica Da Análise Espacial.** Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, no

2, mai/ago. 2007Disponível em <

file:///C:/Users/NELSON/Google%20Drive/TCC%20AGRICULTURA%20URBANA/111-335-1-PB.pdf>. Acesso em 11 ago.2017.

GONÇALVES, R, G, G. **Hortas Urbanas Estudo Do Caso De Lisboa.** Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Agronómica. Universidade de Lisboa 2014.

Disponível em

<http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/6809/1/VERS%C3%83O%20DEFINITIVA_Tese%20de%20Mestrado_Rita%20Gon%C3%A7alves.pdf> Acesso em 18 ago.2017.

GERHARDT, T, E. SILVEIRA, D, T. **Métodos de Pesquisa. UFRGS 2009.** Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 06 mar. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção Agrícola – Lavoura Temporária 2016.** Disponível em

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cachoeira-do-sul/pesquisa/14/10193>>. Acesso em: 20 de out. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Dados Censo Demográfico Cachoeira do Sul - 2010.** Disponível em

<<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rs/cachoeira-do-sul/panorama>> . Acesso em: 07 de jun. 2017.

LEITE, I, A, S. **Hortas Urbanas – dimensões ambiental e social. Universidade de Aveiro Departamento de Ambiente e Ordenamento.** Dezembro, 2012. Disponível em <

<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/11649/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>> . Acesso em: 12 abr. 2017.

LEPPER, L. **Agricultura Urbana: Uma Estratégia De Segurança Alimentar E**

Nutricional Sustentável Em Santa Cruz Do Sul/Rs. Dissertação de Mestrado. UNISC.

2007. Disponível em < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp064841.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

MACHADO, A, T. MACHADO, C, T, T. **Agricultura Urbana. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Documentos 48.** Planaltina, DF 2002. Disponível

em < <http://agriculturaurbana.org.br/textos/Agriurbana-EMBRAPA.pdf>> . Acesso em: 12 abr. 2017.

O'REILLY, É. M. **Agricultura Urbana – Um Estudo de Caso do Projeto Hortas Cariocas em Mangueiros.** Rio de Janeiro. UFRJ – Escola Politécnica. Rio de Janeiro 2014. Disponível em <<http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10009377.pdf>>. Acesso em 09 de ago.2017.

PINHEIRO, M, C. FERRARETO, L, C. **Política Nacional De Agricultura Urbana: Estratégia Para O Combate À Fome E Promoção Da Segurança Alimentar. 2003.**

Disponível em <

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:gDNP7XbyfH8J:agriculturaurbana.org.br/textos/artigo%2520fome%2520zero%2520Maristela%2520Luciane.doc+&cd=1&hl=pt->>. Acesso em 11 ago.2017.

PINTO, R, S, B, F. **Hortas Urbanas: Espaços para Desenvolvimento Sustentável em Braga.** Universidade do Minho, Escola de Engenharia. 2007. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7988/1/DISS_MESTRADO_RUTE%20PINTO_VERSAO_FINAL.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA DO SUL. Museu Municipal de Cachoeira do Sul. **Documentos sobre a formação do Bairro Oliveira.** 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA DO SUL. Museu Municipal de Cachoeira do Sul. **Mapa do Município.** 2017.

ROESE, A, D. **Agricultura Urbana.** EMBRAPA PANTANAL, 2003. Disponível em <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPAP/56429/1/ADM036.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

SANTANDREU, A, LOVO, I, C. **Panorama Da Agricultura Urbana E Periurbana No Brasil E Diretrizes Políticas Para Sua Promoção.** Documento Referencial Geral. Belo Horizonte junho de 2007. Disponível em http://www.agriculturaurbana.org.br/textos/panorama_AUP.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2017.

SAVIERO, A. DELUNARDO, T, A. HAVERROTH M, OLIVEIRA L, C. MENDONÇA A, M, S. **Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil.** Acta Botânica Brasílica 25(3): 546-553. 2011. Disponível em <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/56729/1/24060.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

STEDILE, J, P. **A Questão Agrária no Brasil. O debate tradicional – 1500-1960.** Ed. Expressão Popular 2ª Edição 2011. Disponível em <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/A%20questao%20agraria%20no%20Brasil%20Vol%201.pdf>>. Acesso em 20 out.2017.

WANDSCHEER, E,A,R. MEDEIROS, R, M, V. **Agricultura Urbana Reflexões Sobre os Territórios Nestes Espaços.** 2017. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157491/001016893.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10 ago.2017.

ZEEUW, H. GÜNDEL, S. WAIBEL, H. **A Integração Da Agricultura Nas Políticas Urbanas.** Revista de Agricultura Urbana nº 1 - Integração com Políticas Públicas 2015. Disponível em <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1integracao.html>>. Acesso em 11 ago.2017.

ANEXO A – ROTEIRO ENTREVISTA

Entrevistas com moradores do bairro Oliveira, cidade de Cachoeira do Sul, com cinquenta anos ou mais, chefes de família (homens e mulheres).

Identificação do entrevistado:

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Sexo:
- 4- Quantas pessoas moram nesta residência?
- 5- Quanto tempo mora neste bairro e nesta residência?
- 6- Sua família é de Cachoeira do Sul? Caso negativo indique sua origem.
- 7- Morou em outros locais do município antes de habitar esta residência? Onde?
- 8- Qual seu ramo de trabalho? Você já trabalhou na agricultura?
- 9- Quantas pessoas trabalham nesta família?
- 10- Onde adquire os alimentos consumidos por sua família?

Questões sobre a horta na sua residência:

- 11- Sua família cultivou horta no passado? Onde? Já tiveram horta nesta residência?
- 12- E atualmente, vocês possuem horta em sua residência? Desde quando?
- 13- Quem cuida da horta? O resto da família ajuda?
- 14- Qual o motivo para cultivarem uma horta?
- 15- Quais produtos estão cultivando atualmente?
- 16- Quais produtos já cultivaram no passado? A variedade de produtos aumentou ou diminuiu? Por quê?
- 17- O quê vocês fazem (faziam) com os produtos da horta?
- 18- Os produtos da horta são suficientes para a alimentação de hortaliças da família? Vocês precisam complementar o consumo de hortaliças da família comprando em outro lugar?
- 19- Se vendem os produtos da horta, qual a renda que esta gera?
- 20- Se não possui horta atualmente na sua residência, você gostaria de cultivar uma horta algum dia? Você acha que poderia possuir uma horta? Por quê?
- 21- Quais os motivos que dificultam você ou sua família de ter uma horta?

Questões sobre as mudanças nas hortas do bairro:

- 22- Conhece algum vizinho ou parente que possui horta caseira ou algum tipo de horta comunitária?

- 23- Vocês trocam mudas, sementes, adubo, entre outros? Vocês conversam e trocam ideias sobre como cultivar a horta? Isso se fazia antigamente?
- 24- Poderia explicar como mudou o bairro Oliveira? As famílias possuíam mais hortas que hoje? Por quê? Quais os principais fatores para essas mudanças?
- 25- Você acha que cultivar hortas no bairro é importante? Por quê?
- 26- Existe (ou existiu) algum apoio ou assistência técnica no bairro para o cultivo de hortas?

Obrigado pela participação!

ANEXO B –

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS****NOME:** _____**RG/CPF:** _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso: "HORTA COMO EXPRESSÃO DA AGRICULTURA URBANA NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA DO SUL: UMA PRÁTICA EM MUDANÇA NO BAIRRO OLIVEIRA" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do Trabalho de Conclusão de Curso "**HORTA COMO EXPRESSÃO DA AGRICULTURA URBANA NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA DO SUL: UMA PRÁTICA EM MUDANÇA NO BAIRRO OLIVEIRA**" – *do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER*, que tem como objetivo conhecer as hortas urbanas mantidas pelos moradores do bairro Oliveira, situado no município de Cachoeira do Sul, RS, buscando entender quais fatores têm levado às mudanças na sua manutenção no bairro.

A minha participação consiste na recepção do aluno **Nelson Luís Soares Farias** para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que esta pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____**Cachoeira do Sul , _____/_____/2017**